

## Mikhail recebe uma carta

**Jonatas T. Barbosa**

Alguns traidores eram presos por abandonar seus postos na fábrica nos tempos da guerra. Durante o período da fome, quando todas as terras foram tomadas para trabalhos coletivos de produção para o Conselho, houve camponeses que se arrastaram descalços e puxaram suas carroças para a cidade; na cidade eles se tornaram pedintes, estorvos indesejados. Os que não possuíam documentos eram convidados a retornar aos campos de origem. E os que se registravam, tornando-se assim cidadãos oficiais, eram levados para povoar as regiões inabitadas no extremo norte. Outras espécies de miseráveis eram também encerradas em tais zonas de colonização por esconderem punhados de grãos de trigo nos sapatos, ou, no caso dos mais abastados, por engolirem joias da família e terminarem com hemorragias no estômago, tudo para não pagar o Tributo ao Conselho.

Mikhail não poderia ser comparado a tais pobres desgraçados. Tampouco poderia se comparar a um daqueles jornalistas arruaceiros que perderam os dedos e a língua por suas críticas ao poderoso Conselho. Todos eles, sem exceção, hoje estavam abrindo valas com o que restou dos braços nas minas de ferro do norte. A primeira coisa que se notava no companheiro Mikhail era uma face angulosa. Um tom grave de incerteza morava no rosto cavado pelo inverno. Tinha um par de olhos que nunca se abriam completamente, e brilhavam uma cor entre verde e azul do báltico. Estavam sempre à deriva do horizonte. Encará-los era como encontrar um abismo, daqueles que de repente se abrem numa calota de gelo e engolem caravanas inteiras ao longo deserto de neve.

Durante a construção do canal que uniria noroeste e sudoeste da nação, Mikhail assinou pela primeira vez seu nome numa lista para a fila do pão e do

peixe. Enquanto companheiros e companheiras morriam um a um, ou de fome ou acidentados na extração de rochas, ele permaneceu vivo e não houve um só instante que o ouvissem reclamar da dureza e secura do alimento. Da sua boca não saía nada além de névoa condensada. Terminada a obra colossal, Mikhail foi para a capital e tornou-se um vagabundo. Perambulou pelas ruas por quatro dias comendo a carne que furtava dos mais fracos, até que a gerência do Departamento de Obras Públicas percebeu sua atividade marginal e o considerou um indesejável, deportando-o aos campos de trabalho no norte. Naquela noite os soldados o conduziram a um trem abarrotado de criaturas que lembravam cães. Não se ouviam histórias sobre cães tão terríveis como as que Mikhail ouviu na viagem. Os corpos balançavam ao movimento da locomotiva sobre os trilhos. Uma senhora magra chamou-lhe a atenção. Ela sussurrava sobre pessoas que caçavam. Homens que caçavam homens, mulheres que caçavam mulheres e crianças que matavam gatos para satisfazer a fome por carne e morte. Todos fingiam dormir. Exceto Mikhail. As pálpebras não se fecharam até chegar ao destino.

Nos campos de trabalho ninguém sabia dizer algo sobre aquele homem antes de participar da construção do canal. O comandante recebeu a documentação que apenas o descrevia como eficiente, produtivo e bem comportado. Não havia data ou local de nascimento. Não demorou para que os soldados espalhavam boatos de que Mikhail era descendente perdido da coroa. Entre os presos mais supersticiosos era apelidado de *kost*, por se assemelhar a antigas miniaturas feitas de osso.

Ao longo de um ano o pobre companheiro não fazia mais do que trabalhar. Compunha um grupamento de quatorze homens. Um soldado chamado Korovaiev e outro de nome Tsepkov acordavam-nos cedo e escoltavam-nos todas as manhãs para que atravessassem quatro quilômetros pelas trilhas em segurança. O trabalho dos prisioneiros consistia no deslocamento inútil de terra e junco trazidos pela elevação do rio, ou transporte

de ferro da mineração, se necessitasse racionar combustível dos caminhões, e, por vezes, o carregamento era complementado por cadáveres dos homens que não suportavam o trabalho. Todos, sem exceção, deviam cumprir uma meta de carregamento de mil libras de carga diária. Os homens que não desempenhassem a tarefa recebiam apenas metade de seu alimento. Naturalmente a maioria não possuía mais forças para exercer a função, perecendo sempre na metade do ciclo e aumentando a pilha de corpos para carregar.

Foi no início do segundo inverno que o grupo de prisioneiros conspirou a fuga. A primeira cidade se encontrava a uma distância de quarenta quilômetros a sudeste e eles foram breves em decidir. Mas eles não confiavam em Mikhail. Um dos miseráveis aproximou-se timidamente dele e perguntou-lhe se aceitava um cigarro em troca do seu silêncio. Ele aceitou. Pegou entre os dedos e guardou no bolso. Porém, dali em diante, Mikhail não adormeceu mais.

Antes de amanhecer, debaixo das tábuas imundas onde se alojavam, Mikhail ouviu um dos prisioneiros sussurrar para outro se referindo a um soldado como “vaca”. Imaginou que fosse Korovaiev, já que não era tão magro.

Então, na metade do caminho para os depósitos de mineração, Korovaiev e Tsepkov foram golpeados na cabeça e perfurados por facas improvisadas feitas de vidro. Mikhail assistiu-os fatiar dificultosamente a carne tenra, arrancar as vísceras e embrulhar as peças num pano. Um dos prisioneiros ameaçou-o por se manter impassível. Esbravejou cuspidando com seus gritos e agitou a lâmina faiscante no meio neblina, mas Mikhail não se moveu. Mirou o vazio, como árvore coberta por cristais de gelo.

O homem que lhe havia dado o cigarro na madrugada anterior se pôs na frente do companheiro. E desculpou-se por ter se esquecido do fósforo jogando o único que tinha. Mikhail pegou-o no ar. O homem aconselhou que o escondesse no traseiro. Os soldados do norte evitavam os traseiros, diferentes

dos soldados do leste. Em seguida, os miseráveis puxaram o companheiro furioso para longe, em direção à cidade onde encontrariam mais comida.

No final da noite, as sentinelas responsáveis pela ronda encontraram Mikhail sentado próximo aos dois cadáveres. Consideraram-no culpado pelo assassinato e o torturaram por dias e dias para que dissesse para onde os outros prisioneiros haviam fugido. Ele permaneceu calado. Seu corpo fora submetido a queimaduras de gelo ao ponto de não ser mais sensível ao toque. O capitão resolveu transferi-lo para um campo onde reuniam ladrões, estupradores, contrarrevolucionários e outras espécies de trabalhadores mais problemáticos. Não havia necessidade de documentação para aquele caso, apenas de números.

No dia de sua transferência, não sabia dizer se estava sendo levado em uma balsa ou um trem. A consciência retumbava o som dos músculos se partindo. Os olhos estavam escurecidos por sangue e ele não sabia para onde o conduziam. A mente arrastou-se e os ossos chacoalharam por um tempo tão longo que não se podia medir.

Em período de paz o sol não nascia naquele lado do mundo. Era como se aquelas terras frias houvessem mergulhado num fluído negro e fossem assim esquecidas pelo céu.

Mikhail despertou em um complexo subterrâneo que servira de depósito em períodos de guerra. Alguns homens contavam histórias acerca dos porões seculares, antes mesmo que a palavra do Cristo fosse apagada. Diziam que para chegar ao lugar mais íntimo daqueles porões, um homem deveria andar por dias, senão por anos a fio. E bem ao centro um único buraco aguardava, soprando vapores fétidos e ululando sons parecidos com vozes. Era um caminho que alguns afirmavam se comunicar diretamente com o inferno.

Ele notou que havia um número de identificação bordado na frente do casaco sujo de sangue. Não dormiu. Precisava aprendê-lo de cor. Os soldados lhe perguntariam quando viessem despertá-lo. Sempre faziam esse tipo de troça

de mau gosto. Ele tateou o relevo escrito à luz de um pequeno buraco da fechadura. Os números flutuavam como o ar saindo da boca. Fechou os olhos e repetiu, repetiu sem conseguir ouvir-se. O som se perdia na garganta. Os algarismos de nenhuma forma se imprimiam em sua mente.

Antes do amanhecer, os guardas chamaram-no novamente. Ele atendeu pelo barulho e não pelos números. Um deles lhe perguntou qual era a sequência, mas ele não se lembrava. Então, o surraram. Em poucos minutos despertava ainda sob golpes de botinas e urros. Adormeceu sentindo as contusões na carne enquanto o sangue secava debaixo da roupa.

Hoje Mikhail recebeu uma carta com o timbre oficial do Conselho Regional dos Campos de Trabalho. Não era permitido aos prisioneiros se comunicarem ou receberem cartas, mas desta vez, por um milagre de natureza qualquer, havia chegado um envelope pela fissura na porta. Ele jamais saberia do que se tratava, pois não o abriu. Sequer leu o remetente. Enrolou o papel cuidadosamente e atou o embrulho ao redor da cintura.

Afastou-se da porta. Adentrou os porões tateando as trevas pelo caminho em sua mente. Tropeçou em ossos e pisou em fezes até chegar ao fim. O antigo buraco que os prisioneiros tanto temiam era uma fossa por onde poderia passar um homem médio. Mikhail pegou o fósforo e acendeu o cigarro que havia embrulhado e escondido no traseiro. O facho iluminou uma meia lua ou uma foice ou um sorriso gravado no teto baixo. Antes que se consumisse a última fagulha, deu o trago derradeiro enchendo o pulmão com o que restava de fumaça. Em seguida queimou a carta. As chamas arderam vermelhas. O rosto se chamuscou com fuligem que escapulia da folha. Respirou o calor por um longo segundo, mas não sentiu nada. Então, curvou-se para o buraco. Mergulhou primeiro a cabeça, depois os braços. Arrastava-se sem sentir o próprio peso. Roçava os ombros na parede áspera e a ponta dos pés o empurrava para frente. O corpo fraco de Mikhail descia um centímetro por vez, sem hesitar, em direção ao inferno.